

A tríplice ameaça global: O eterno paranoico – Schreber

Valton de Miranda Leitão¹

RESUMO Neste texto, o autor procura demonstrar que a cultura de mercado é estruturalmente conjugada ao delírio de poder paranoico. O Leviatã de Hobbes é atualmente o mercado capitalista esquizofrenizante e paranoico. O dispositivo que assegura sua permanência destrutiva é baseado no *Law fare*, na religião fanatizada e no parlamento midiaticamente controlado. A combinação grandiosa se ajusta ao monumental e articulado delírio do presidente Schreber, impulsionado pela pulsão de morte. A engrenagem mito-lógica encontra expressão na vontade de poder e no delírio de purificação que se exprime pelo alemão arcaico ou língua básica. O *homo sapiens* torna-se o *homo schreberiano*, cuja superioridade exige o extermínio dos homúnculos imperfeitos englobados na categoria absoluta do Inimigo. O *homo sapiens* confundido com o absoluto saber do mercado deseja o domínio e a posse da natureza e dos outros homens considerados moral e intelectualmente inferiores. A projeção e a negação que a Psicanálise estudou na mente individual torna-se instrumento dessa subjetividade que invade a objetividade sociocultural. A pandemia do COVID-19 estimulou angústias paranoicas individuais e coletivas, reativando algo semelhante ao que Santner chamou “A Alemanha de Schreber”.

Assim, tornou clara a presença da tríplice aliança entre a guerra, a muralha narcísica do homem e o Banco com seus milhares de tentáculos estendidos sobre o mundo.

PALAVRAS-CHAVE Mercado esquizoparanoide; Schreber; Fanatismo; Mito-lógica; Pandemia.

1. Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)

Introdução

A Segunda Guerra Mundial já estava ganha quando os EUA lançaram bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. O único objetivo daquela matança era mostrar para a então União Soviética o tamanho do poder norte-americano. Nenhuma consideração sobre a mortandade e suas consequências radioativas impediu o Enola Gay de despejar sua carga mortífera.

Desde Platão e Aristóteles até Kant, os teóricos da política têm proposto caminhos filosóficos e sociológicos para a paz permanente. “A utopia” de Thomas Morus (2011) consolida na literatura essa busca que seu amigo e contemporâneo Erasmo de Roterdã (2011) ironiza no “Elogio da loucura”. Nesta obra, Erasmo de Roterdã mostra como a loucura é capaz de grandes feitos, satirizando de modo elegante e bem-humorado a utópica ilha da bem-aventurança. A história mostrou como o indomável narcisismo humano fomenta intermináveis guerras que alimentam os impérios. Portanto, entre a paz e a guerra, a última sai quase sempre vencedora.

O modelo da técnica guerreira foi utilizado por pensadores políticos como Maquiavel, Hobbes, Marx e Gramsci. A presente tematização situa esse processo entre a dualidade do duelo e a trindade da guerra, fazendo combinação com o despotismo da tirania “paterna” no complexo de Édipo arcaico. A Guerra Fria, que se seguiu ao término do confronto bélico em 1945, foi marcada pelo crescimento dos instrumentos de espionagem e contraespionagem de ambos os lados da então chamada cortina de ferro (EUA-URSS). É evidente a combinação entre ciência e guerra, sendo grande parte das descobertas feitas pela humanidade o resultado dessa conjunção.

Freud, em vários textos, mostrou seu pessimismo quanto à possibilidade de o homem sair deste emaranhado mortífero. As ideias que o fundador da teoria do inconsciente conceitualizou na sua grandiosa obra indicam que a destrutividade prepondera no mundo, enquanto o amor entra em decadência. A história dá continuidade à batalha permanente entre povos e civilizações, tendo o onipresente Inimigo como motivo central. A subjetividade inconsciente da pulsão destrutiva evidenciou sua fiel aliança com a necessidade política da guerra. O Brasil, no contexto aterrador da pandemia, subordina-se de modo humilhante ao decadente império norte-americano para uma nova etapa da Guerra Fria, que tem, no outro polo, China e Rússia. É necessário contextualizar o sistema contemporâneo de dominação como monstruoso Leviatã que fascina e ilude com promessas e bajulação para esmagar e oprimir os considerados inferiores.

Quando Hobbes recorreu ao mito do Leviatã para caracterizar a ameaça do absolutismo, seja do Soberano ou do Estado, não imaginara que sua metáfora voltaria com tanta força. Freud, nas suas obras inadequadamente chamadas “sociológicas”, trouxe o potencial destrutivo do homem para o centro do debate sobre a sobrevivência no planeta. Marx mostrou que o capital não é uma coisa, mas algo nascido das relações produtivas humanas, visando à sua reprodução como lucro máximo. Esses notáveis pensadores produzidos pela história agora se encontram com um monstro microscópico que, coroado pela natureza, ameaça a sobrevivência do homem.

O mundo medieval no seu imaginário fantástico acreditava que essa ameaça estaria em monstruosidades marinhas capazes de provocar sismos e maremotos. A thalássica representação já era imaginada na sua equivalência terrestre por meio dos monstros de cem braços (hecatonquiros) e titãs que Zeus prendera nas funduras da terra. Hoje, um microscópico organismo ruge ameaçadoramente, desjuntando grandes potências, estimulando e unindo a energia da morte gerada no Id coletivo de parcela ponderável da população mundial. A destrutividade emanada do inconsciente grupal, atrelada ao narcisismo que lhe serve de envoltório, se junta à disputa guerreira da geopolítica global, abraçando o virulento microrganismo e proclamando pelas infovias tecnológicas uma paz mentirosa. O uso da técnica, seja para fabricação de artefatos militares ou para a tecnologia informacional eletrônica, coloca um antagonismo na passagem entre o *homo sapiens* e o *homo humanus*. Este é o cenário realista que se apresenta diante do homem pensante autorizado pelo princípio de realidade.

A violência do poder político se manifesta desde o surgimento das coletividades tribais, nas quais o chefe despótico (pai primevo) comandava e exigia total obediência. A criatura que surgiu há cerca de um milhão de anos, embora atrasada no cenário planetário, já produziu mais destruição do que todas as outras espécies que habitam a terra. A sua evolução antropológica, social e cultural não parece ter diminuído seu ímpeto destruidor. O poder político tem na coerção a sua forma mais acabada que os pensadores da política, os filósofos e os teólogos tentaram, em vão, domesticar. Partindo do princípio da realidade de que não existe sociedade sem poder, segue-se que não existe sociedade sem política e violência coercitiva. Muitos filósofos pensaram, baseados em estudos etnográficos, na possibilidade da existência de coletividades que não utilizassem a violência como instrumento do Poder. Essa digressão é importante porque a pandemia do coronavírus (COVID-19) expôs as entranhas convulsionadas da geopolítica do Poder, mostrando sem disfarces a cara tenebrosa da pulsão de morte.

É necessário, entretanto, dizer também que pulsão de morte é um conceito abstrato, modo de funcionar do instinto destrutivo do homem através de derivados que vão da agressão homicida até ao ataque ao inimigo com bombas nucleares. A fusão da política, da religião e do dinheiro com o inconsciente individual e coletivo emaranha-se com a pandemia virótica sem que a humanidade consiga nenhuma unidade para enfrentar esta monumental microscópica bomba produzida pela natureza.

Essa constatação do desregramento destrutivo que faz voar pelos ares todas as certezas traz necessariamente de volta a convicção única do paranoico: sou imortal. É isto que permite a uma parte dos viventes planetários negar o perigo iminente, ou pelo menos bem próximo, de destruição planetária. Paulo Cesar Sandler, no prefácio ao livro “O inimigo necessário”, coloca a negação do seguinte modo:

A notável capacidade humana para o esquecimento despreza o fato, por negá-lo de que “ser humano” é um ser que morre. Alguns parecem dispostos a apressar este momento. Melhor estudado pela filologia de Giambattista Vico, podemos aprender que o termo deriva de *húmus*: matéria apodrecida, mescla de terra e material orgânico em degeneração, incluindo bactérias e vermes, muito úteis para adubo. (Leitão, 2015, p.11)

O narcisismo paranoico projeta no delírio fantástico sua vontade de Poder e simultaneamente utiliza a negação para desconstruir a universalidade ético-política como fundamento da vida social. O paranoico é o juiz absoluto que porta a Lei sentado no trono majestático no alto da montanha. Lá embaixo, na planície, o rebanho desorientado, culpado e pecador, já recebeu o veredito da condenação. O gênio de Franz Kafka já colocara na grande literatura a condição fundamental da perversão do Direito que examinei no texto “Fundamentos psicanalíticos do autoritarismo jurídico – leitura de O Processo de Franz Kafka” (Leitão, 2019).

Evidenciou-se que os regimes que pior conduziram a pandemia foram os autoritários com disfarce democrático, como Brasil, EUA, Hungria etc. A democracia foi usada com o beneplácito da Lei para produzir uma concentração de renda ainda maior do que a já existente anteriormente.

A magia do ouro que Binswanger (2011) tematiza examinando o “Fausto”, de Goethe, junta o delírio de grandeza do Dr. Fausto com as artimanhas mágicas do seu demoníaco parceiro Mefistófeles, que é, para o psicanalista, o inconsciente em movimento. Neste percurso, que é o do próprio homem, já

está pressuposto o fantasma de um saber destrutivo que exalta Tãatos e nega Eros. A pandemia, instrumentalizada pela batalha dos mercados, apoderou-se da vacina salvadora para negociar a morte, proclamando mentirosamente sua fidelidade à vida.

Desenvolvimento

O maior desafio da humanidade atualmente não é o vírus corona, mas o poder político que coloca o antagonismo insolúvel entre duas parcelas do *homo sapiens* incapazes historicamente de alcançarem a paz. Ao longo da história, os pensadores sociais e políticos produziram milhares de teorias para superar um único e fundamental impulso do ser pensante que habita a terra: o incoercível desejo de domínio e posse, seja sobre os bens naturais ou sobre outras criaturas consideradas inferiores. A devastação que este predador implacável já produziu sobre o planeta não tem provavelmente reparação possível.

O nosso tempo é possivelmente schreberiano. O *homo schreberiano* está em luta com Deus e pretende tomar o seu trono. Afirma ser aliado da divindade Ormuzd que comanda a branquitude superior em inteligência, moral e força. A divindade que reina sobre os “inferiores” de pele negra, amarela, vermelha, parda etc. é Arimã. Naturalmente, a horda de Arimã é o negativo de tudo aquilo que Ormuzd representa. A pulsão de morte, portanto, encontrou seu objeto mais importante em Daniel Paul Schreber.

Essa ideia, na trilha de Carl Schmitt, já fora trabalhada por mim, em “O inimigo necessário” (Leitão, 2015). O pensador alemão Carl Schmitt procurou um conceito fundador para a prática política, caracterizando o Estado de Exceção como algo inerente à decisão do Poder Soberano. Desse modo, justificava juridicamente o autoritarismo debaixo da ambígua democracia do vencedor da batalha amigo *versus* inimigo. O sistema conceitual do jurista alemão é embaçado histórica, jurídica e filosoficamente, sendo assim, talvez a mais competente teoria da tirania. Essa é uma demonstração de como o Direito é malversado para justificar a opressão e o crime contra o semelhante. Schmitt (1992), no seu “Conceito do político”, afirma que o vencedor do conflito amigo *versus* inimigo dá ao vencido somente duas alternativas: adesão ou banimento. A ética da tirania coincide notavelmente com a do poder paranoico. “É por essa razão que Carl Schmitt afirma a impossibilidade da paz mundial permanente, pois isso negaria o princípio gerador da política e também, o conceito universo deve ser substituído pelo de pluriverso” (Leitão, 2015, p. 128).

O pensador alemão do nazismo não atribui nenhuma eficácia universalizante a um organismo político como a Organização das Nações Unidas (ONU)². Dessa forma, convalida a “democracia da força” que muitos historiadores já haviam reconhecido. Isso significa que, como no delírio de Schreber, atribui-se a uma raça superior o direito de escravizar outras, seja pela cor da pele ou por suposta “degenerescência” física ou moral. Arendt (1989) mostra exemplarmente esse funcionamento quando no pacto de Berlim, em 1885, os europeus retalharam a África. O seguinte trecho do livro “Origens do totalitarismo” se ajusta à dinâmica da destrutividade:

Quando, na era do imperialismo, os comerciantes se tornaram políticos e foram aclamados como estadistas, enquanto os estadistas só eram levados a sério se falassem a língua dos comerciantes bem-sucedidos e “pensassem em termos de continentes”, essas práticas e mecanismos privados transformaram-se gradualmente em regras e princípios para a condução dos negócios públicos. (Arendt, 1989, p.168)

Evidencia-se na atualidade geopolítica mundial aquilo que A. Gramsci (1991) chamou de equilíbrio catastrófico, quando nenhum dos conjuntos políticos em confronto tem força suficiente para se impor ao outro. Essa situação gera no interior das sociedades nacionais intensa luta política que se manifesta por forte polarização. Os schreberianos do protofascismo tentam atacar e destruir seu inimigo considerado inferior. Não é novidade no percurso histórico da humanidade o uso da religião como instrumento político. As guerras entre religiões que sacudiram a Europa durante os séculos XVI e XVII são exemplos disso. A fetichização da religião acompanha quase sempre o *law fare* do Direito. Tal visão da sociedade humana baseada em clichês e slogans é fortemente reforçada por parte da ortodoxia religiosa, principalmente luterana.

O *homo schreberiano*, que reinou sob Hitler e Mussolini, atualmente parece retomar o trono, no qual todos aqueles que não se submeterem ao seu comando serão sacrificados. O altar sacrificial já está pronto na aliança da realeza com a religião e a ordem jurídica, conforme Shakespeare a anteviu no seu “Henrique VIII” (1966). Nessa peça, o autor mostra de modo contundente a conexão política entre igreja, parlamento e judiciário para dar suporte e encobrir

2. A ONU se origina da Liga das Nações.

os crimes do rei. É essa combinação perversa que grandes escritores e filósofos denunciaram em vários momentos históricos.

A premonição kafkiana disseca a intimidade do sistema jurídico-político. No artigo “Fundamentos psicanalíticos do autoritarismo jurídico – leitura de O Processo de Franz Kafka” (Leitão, 2019), digo: “O extraordinário texto de Franz Kafka ‘O Processo’ é de contundente atualidade, pois disseca com a maestria do gênio a intimidade do *corpus* judiciário, mostrando suas entranhas”. E, ainda:

O texto comporta várias intrigas, cuja conexão será centralizada no juiz. A investida daquele que será o detentor da Lei mostrará, neste investimento, uma exigência performática assegurada por uma vivência sacralizante. [...] O diálogo com Huld [advogado de Josef K] dispensando seus serviços mostra que K tinha compreendido que o Tribunal já pronunciara seu veredito e que todo processado já está previamente julgado e condenado. (Leitão, 2019, p. 3)

O paradigma do delírio que percorre o mundo é, na minha visão, o do juiz presidente da corte de Dresden que antecipou genialmente os horrores da calamidade nazifascista. O desejo de Schreber, segundo seu narcisismo paranoico monumental, é purificar a humanidade que, como objeto do seu ódio, é constituída por seres improvisados e imperfeitos.

O fantasma de Schreber, muito antes do nascimento de Daniel Paul, já estava presente em Gengis Khan, mas seu espectro percorre atualmente a sociedade humana através de meios eletrônicos alimentados pelo fantasma do Banco³ que liquefaz, conforme Bauman (1997), o amor entre as pessoas e o conceito ético do político. Os homúnculos de Schreber viajam em 5G, mais rapidamente do que o coronavírus. Além do divino Pluto que governa o ouro, Schreber dispõe de Ormuz, que comanda as religiões, e dele próprio, que comanda a Lei.

O genial cineasta Orson Welles, no seu filme sobre *O Processo*, inverte a narrativa no roteiro que começa com o camponês que tenta entrar no Tribunal e é impedido pelo porteiro. Isso se deve ao fato de que, como descobriremos no desenvolvimento deste texto, ninguém na verdade tem acesso à Lei. (Leitão, 2019, p. 3)

3. O Banco é a síntese do fetichismo, tanto da mercadoria quanto do ouro, que nas fezes Freud encontrou sua equivalência inconsciente.

O Direito como instituição já no Império Romano utilizava no labirinto de suas normas e regras o regulamento do *institution* (Agamben, 2010), que é o ancestral do *Law fare*, a arma mais letal do exército schreberiano, pois dissimulada nas engrenagens da própria Justiça. As soberanias em maior ou menor proporção, conforme a expansão autoritária desse Leviatã moderno, utilizam o *Law fare* com desenvoltura para liquidar seus inimigos políticos. A Lei já contém nos elementos que a organizam na ordem jurídica, a injustiça. Assim, a justiça no *Law fare* é a quimera que o poder soberano maneja para liquidar o Inimigo.

A arrogância do detentor de Poder, seja ele juiz ou militar, é alimentada pela pulsão de morte. Portanto, o imortal Schreber, com os seus cem olhos de Argos, é o mais poderoso dos monarcas. Essa majestade absolutamente onipotente comete crimes hediondos e tortura; o extermínio do Inimigo é necessário para a vinda do “homem puro”. Seus embaixadores, entretanto, fardados, togados e embatinados, já ameaçaram com o canhão, com a lei e a profecia os pobres mortais que deverão ser executados no altar sacrificial. A descrição aqui feita tenta acompanhar a linguagem do delírio schreberiano, mas busca alcançar o fato ético-político na sua dimensão universalizante.

A arrogância é sentimento poderoso que arrasta de parcela ponderável do inconsciente coletivo a estupidez que se mistura com a crueldade, enquanto a curiosidade mórbida se torna o sadismo para se regozijar com a morte alheia. O narcisismo grandioso das coletividades governadas por um líder paranoico encontra um aliado inexpugnável na crença fanática. A seguinte citação de Aricó explicita esta compreensão: “Não nos parece viável a um torturador ou assassino superar a muralha narcísica e ir ao encontro do próximo sem intenção manipulatória, de controle e de utilização do outro para benefício próprio” (Aricó, 1984, p.117).

A arrogância que Bion (1994) conceituou como funcionamento psicótico, tendo como combustível a pulsão de morte, se encontra nas três ameaças que pairam sobre a humanidade: o Banco, a muralha narcísica do homem e a guerra. Os outros ingredientes que sustentam essa tríplice aliança se ajustam ao Poder de uma classe dominante que tenta sempre expandir seus privilégios injustos.

Conclusão

A pandemia do coronavírus (COVID-19) é a manifestação da desastrosa incompetência do chamado *homo sapiens* na sua relação com a natureza. Dentro

deste amplo espectro resultante do desenvolvimento da espécie humana, surgiu o *homo schreberiano* que, no seu delírio, combina o Poder, a onipotência fetichista do dinheiro, a raciologia branca e a posse absoluta da Justiça. Essa cosmovisão narcísico-individualista se contrapõe a outra, conforme A. Gramsci (1991), que é aquela da ético-política universalizante, em que o privado sempre está submetido ao interesse coletivo.

O homem supérfluo de Arendt, produzido pelo capital fictício e volátil dos “papéis podres”, somente pode ser compreendido em conjunção com os entrechoques raciais e históricos, nos quais uma classe dominante pretende tornar outros indivíduos, servos e escravos. A personalidade paranoica é modelar para representar a regressão mitológica da terra plana, da língua básica⁴ e do apocalipse do salvador-vingador. A loucura paranoica tem método, sendo capaz de impressionantes sutilezas para estender seu império através do dinheiro e da guerra. Além disso, o Poder que é o centro do delírio paranoico está sempre combinado com a negação da realidade interna e externa para que o máximo de violência possa ser lançado sobre o onipresente inimigo. O líder paranoico fascina a mente tosca através do apelo mito-lógico, sempre aliado ao fanatismo religioso. A lei dessa conjunção alucinada ajusta-se ao *law fare* amplamente praticado no mundo contemporâneo e no Brasil.

É evidente, ao longo desta breve exposição, que o sistema jurídico-político sempre se subordina à dominação de uma classe que detém a força econômica e militar. Essa situação no contexto histórico dos sistemas autoritários de governo, que tem no Inimigo seu alvo preferencial, destila o ódio de modo sistemático e planejado. Essa combinação explosiva é própria das formas puras de paranoia que se autoalimentam de fantasias religiosas, purificadoras autorizadas por implacável justiça divina. Dessa maneira, os habitantes da planície, considerados impuros, fracos ou amorais, precisam ser exterminados.

A pandemia do coronavírus estimulou angústias paranoicas individuais e coletivas, reativando algo semelhante ao que Santner (1997) chamou “A Alemanha de Schreber”. Assim, tornou clara a presença da tríplice aliança entre a guerra, a muralha narcísica do homem e o Banco com seus milhares de tentáculos estendidos sobre o mundo.

4. A língua do salvador apocalíptico: o alemão arcaico.

The triple global threat: The eternal paranoid – Schreber

ABSTRACT *In this text the author seeks to demonstrate that market culture is structurally combined with the delusion of paranoid power. Hobbes' Leviathan is currently the schizophrenizing and paranoid capitalist market. The device that ensures its destructive permanence is based on law fare, fanatical religion and the mediacontrolled parliament. The grandiose combination fits with President Schreber's monumental and articulated delusion driven by the death drive. The mythological logic finds expression in the will to power and in the purification delirium that is expressed in archaic German or basic language. Homo sapiens become homo schreberian, whose superiority demands the extermination of the imperfect homunculi included in the Enemy's absolute category. Homo sapiens, confused with the absolute knowledge of the market, wants dominion and possession of nature and other men considered morally and intellectually inferior. The projection and denial that Psychoanalysis studied in the individual mind becomes an instrument of this subjectivity that invades sociocultural objectivity. The COVID-19 pandemic stimulated individual and collective paranoid anxieties, reactivating something similar to what Santner called "Schreber's Germany". Thus, it made clear the presence of the triple alliance between war, the narcissistic wall of man and the Bank with its thousands of tentacles extended over the world.*

KEYWORDS *Schizoparanoic market; Schreber; Fanaticism; Mytho-logical; Pandemic.*

La triple amenaza global: el eterno paranoico – Schreber

RESUMEN *En este texto, el autor busca demostrar que la cultura de mercado se combina estructuralmente con el delirio de poder paranoico. El Leviatán de Hobbes es actualmente el mercado capitalista esquizofrenizante y paranoico. El dispositivo que asegura su permanencia destructiva se basa en el law-fare, en la religión fanática y en el parlamento controlado por los medios. La grandiosa combinación encaja con el delirio monumental y articulado del presidente Schreber impulsado por la pulsión de muerte. La lógica mitológica encuentra expresión en la voluntad de poder y en el delirio purificador que se expresa en el arcaico alemán o lenguaje básico. El homo sapiens se convierte en el homo schreberiano, cuya superioridad exige el exterminio de los homúnculos imperfectos incluidos en la categoría absoluta del Enemigo. El homo sapiens, confundido con el conocimiento absoluto del mercado, quiere el dominio y posesión de la naturaleza y de otros hombres considerados moral e intelectualmente inferiores. La proyección y negación que el psicoanálisis estudió en la mente individual se convierte en un instrumento de esta subjetividad que invade la objetividad sociocultural. La pandemia del COVID-19 estimuló ansiedades paranoicas individuales y colectivas, reactivando algo parecido a lo que Santner llamó "la Alemania de Schreber". Así, dejó en claro la presencia de la triple alianza entre la guerra, el muro narcisista del hombre y el Banco con sus miles de tentáculos extendidos por el mundo.*

PALABRAS CLAVE *Mercado esquizoparanoide; Schreber; Fanatismo; Mito-lógico; Pandemia.*

Referências

- Agamben, G. (2010). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* (H. Burigo, trad., 2ª ed.). Belo Horizonte: UFMG.
- Arendt, H. (1989). *As origens do totalitarismo* (R. Raposo, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1951).
- Aricó, C. R. (1984). *Psicanálise: epistemologia e política*. São Paulo: Planimpress.
- Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus.
- Binswanger, H. C. (2011). *Dinheiro e magia: uma crítica da economia moderna à luz do Fausto de Goethe*. (M. L. A. Borges, M. V. Mazzari, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bion, W. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts* (W. M. M. Dantas, trad., 3ª ed. revisada). Rio de Janeiro: Imago.
- De Roterdã, E. (2011). *Elogio da loucura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Gramsci, A. (1991). *Cartas do cárcere* (N. Spinola, trad., 4ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Leitão, V. M. (2015). *O inimigo necessário: a paranoia em Carl Schmitt*. São Paulo: Intermeios.
- Leitão, V. M. (2019). *Fundamentos psicanalíticos do autoritarismo jurídico – leitura de O Processo de Franz Kafka*. In *27 Congresso Brasileiro de Psicanálise*. Belo Horizonte, MG.
- Morus, T. (2011). *A utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Santner, E. L. (1997). *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da humanidade*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Schmitt, C. (1992). *O conceito do político*. (A. L. M. Valls, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Shakespeare, W. (1966) *A famosa história da vida do rei Henrique VIII*. In W. Shakespeare, *Obras* (F. C. A. Cunha, trad., Vol. 3). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Recebido: 05/10/2020

Aceito: 19/10/2020

Valton de Miranda Leitão
Rua Manuel Firmino Sampaio, 311/302
Fortaleza – CE – CEP: 60810-025
(85) 3241-2188
valtonmiranda@gmail.com